

# FOLHETIM

## CAYMMI

### é coisa dada

por Roberto Jardim

Fotos Walter Ennes



Numa cidade de veraneio, perto do Rio, Dorival Caymmi aparece no portão da casa e vai logo dizendo manso e baiano: “É impossível lhe dar uma entrevista.

Meu tempo aqui é contado e programado, daqui a meia hora terei que descer para olhar minha

pesca”. Nesse momento chega uma garota de bicicleta trazendo um peixe: “Meu pai mandou pro senhor”.

Foi a sorte, Caymmi não pôde evitar: “Podemos entrar, vou te dar essa entrevista em meia hora”.

Mas o papo rendeu muito mais que isso e foi lindo.

Folhetim — Qual o motivo que te levou a se esconder aqui em Rio das Ostras? Fuga, cansaço da urbanização?

DORIVAL CAYMMI — Podemos considerar as duas coisas. Mas eu viria pra Rio das Ostras como iria pra qualquer lugar, como o sujeito que vive em cidade grande e vai pra onde ele possa ter uma área de descanso. O sujeito das grandes cidades se enfastia um pouco inclusive com o dia de domingo. E pra quem trabalha há tantos anos como eu, a questão de ter um lugar pra ficar, com uma distância de mais ou menos três horas do Rio, já é um bom negócio. Então eu sou um camarada que tem o mesmo fastio que todos têm, essa é a razão porque estou aqui. É um lugar que eu me guardo para trabalhar, para um trabalho de criação, de invenção, é um lugar ideal. Eu me recuso a atender telefone, visitas e chamados de emergência. Exatamente a condição única que eu tenho pra ficar comigo e fazer alguma coisa. O meio urbano não dá essa condição, a não ser que se faça uma sofisticada armação em torno de si pra isso. Mas o natural é o sujeito viver uma vida natural em ambiente natural pra que naturalmente as idéias venham.

Folhetim — Como era a Bahia e como você vê a Bahia hoje?

CAYMMI — A Bahia onde eu vivi até os 24 anos era uma Bahia que me parecia muito agradável. E comparando os meios

de comunicação daquela época com os de hoje, por exemplo, não tínhamos os ruídos que temos hoje, igual em qualquer capital do mundo. Hoje o ruído é universal, é um problema que preocupa a ciência, a medicina, preocupa todo mundo. A minha profissão é uma profissão de ouvir de audíofone no ouvido... De modo que a Bahia que eu vi aos 20 anos é uma Bahia romântica, sem compromisso. Eu era estudante, rapaz jovem. Certamente era o mesmo processo de um rapaz que vivia no Rio de Janeiro ou qualquer outra capital. Eu conheci um Rio de Janeiro muito pacífico, comparando com o Rio de Janeiro de hoje. Eu moro no Rio há 40 anos e morei na Bahia entre 67 e 71 por um presente, ou melhor, uma doação de uma casa, feita pelo povo e pelo governo da minha terra. Isso foi uma complementação do que aconteceu em 41, quando eu já morava no Rio há três anos e voltei à Bahia e fui homenageado pelo povo com o maior carinho, pelo povo massa mesmo, na praça principal, o Largo da Sé. O povo foi à rua pra me ver e é muito comovente ver o povo querendo abraçar alguém pelo seu trabalho, principalmente quando esse trabalho é artístico.

Outra lembrança da Bahia aconteceu em 50... quando foi, Caymmi? Eu não me lembro! 57? Não, 53! Foi dado em Itapoã — o lugar onde eu veraneava — o meu nome a uma praça, apesar de eu ser um

homem vivo na época e vivo agora! Então passou a ser Praça Dorival Caymmi! Tudo isto é carinho do meu povo, tudo isto foi a minha ligação fraterna com meu povo, meu povo velho festeiro, amigo, do abraço fraterno, bom atendente quando solicitado, gente muito simpática. Sem desfazer dos demais, que eu sou um homem do Brasil.

Agora então, em 72, eu fui, atendendo a um pedido da Fábrica de Discos Odeon, fui lá para o lançamento de um disco. Com aquela coisa que foi se encadeando, acabou resultando num lançamento em praça pública com a participação do governador. Ele era o mestre da comenda da Ordem, me deu a comenda de Mérito da Bahia. Antes eu já tinha recebido o presente de uma casa, com o acordo do povo, entregue com cerimônia aberta. Então eu residí nessa casa até... uns três anos de residência fixa e tive que pedir licença às autoridades para sair dessa casa para um apartamento mais adiante, porque já não tinha condição. A corrida imobiliária me pegou, além de usar meu nome indevidamente para propaganda: “Seja vizinho de Dorival Caymmi”. Eles me asfixiaram com um prédio de quarto e sala. Eu me vi nessas circunstâncias e resolvi deixar a casa, um pouco desgostoso, porque eu gostava dela. Mas não podia viver com a casa devassada dos dois lados por dois blocos de prédios. Então is-

so são coisas que acontecem. Como o meu regime de trabalho sempre foi ligado ao Rio, eu voltei à base que eu nunca larguei. Meus filhos, por exemplo, ficaram sempre residindo no Rio. Eu queria meu quintal com meus coqueiros que eu plantei na Bahia, mas o crescimento da cidade sempre me assustou. Por mais que a gente goste, sofre a pressão do turismo, do movimento, do cotidiano — não seria um lugar de sossego — morar na Bahia. Tinha ônibus de turismo da porta, tinha visitas, imprensa todo dia, toda hora. Não tinha sossego pra mim nem pra família, pior era isso.

Folhetim — Quando você começou a fazer música?

CAYMMI — Isso naturalmente acontece quando o sujeito atinge aquela idade da juventude. E eu peguei o rádio como movimento de moda, nascente naquela época. Então a música apareceu aí. Era um movimento de jovens estudantes. Todos participavam do baile do rádio, todo mundo gostava de ir pro rádio, cantar no rádio, dizer suas coisas pelo rádio. O rádio estava começando, não tinha a estrutura que tem hoje, né? de modo que havia um certo amadorismo. Mas aí era uma margem boa pros jovens e muitos saíram profissionais, eu sou um deles. Isso foi na Rádio Clube da Bahia, nos anos 30, com alguns amigos do bairro, amigos do pélo. O bairro que nasci chamava-se

## “Eu falo pela voz do povo, eu não acho nada, sou um homem de achador fechado”

Palma, rua do Bangla, que hoje é a rua Luis Gama, na época era subdistrito de Santana, na periferia da cidade.

Folhetim — E desses amigos do peito pintou mais alguém no meio artístico, além de você?

CAYMMI — Do meu grupo de amigos daquela época despontou Humberto Porto, compositor já falecido. Esse chegou no Rio, fez algumas músicas bonitas e morreu jovem. Mas aqui já fazia sucesso um rapaz que eu nem sabia que era do nosso grupo, porque ele sumiu uma época e depois descobri que ele estava vivendo no Rio, chamava-se Assis Valente, que é uma glória dentro da música popular brasileira.

Folhetim — Como você vê essa geração de novos, como Caetano, Gil?

CAYMMI — Vejo muito bem, vejo como o público vê. Eu só vejo as coisas e aceito as coisas vistas pelos olhos do povo. Eu não tenho idéia formada a respeito de nada, eu não tenho espírito crítico nem faço julgamentos. Eu apenas aceito o julgamento do povo, porque o povo é o consumidor, o povo é o usuário, o povo é o admirador, o povo é o fã, o povo é o público. O povo é que paga pra aplaudir, compreendeu? É nesse que eu acredito, o público sempre seleciona o que é bom e o que é mau. No caso da Bahia especificamente, se lembra logo de Caetano Veloso e Gilberto Gil... Então, se perguntar agora dos movimentos, dos festivais, do tropicalismo, sobram alguns nomes. É o mesmo critério que houve quando eu apareci, que vim sozinho pro Rio de Janeiro, com outra intenção, que era estudar Direito. Como acredito que Assis Valente tivesse vindo antes de mim com o intuito de ser protético. Assim esses jovens de hoje vieram através de movimentos — movimento disso, movimento daquilo. Mas não adianta movimento que o povo não acredita em partido, acredita em pessoa. O povo gosta de dizer assim: eu gosto de Maysa, eu gosto de Angela Maria, eu gosto de Gal Costa, eu gosto de Araci de Almeida. O povo diz assim e eu falo pela voz do povo. Eu não tenho achador pra nada, sou um homem de achador fechado, não tenho achador aberto; eu não acho nada em geral, nunca achei dinheiro (risos).

Folhetim — E esse pessoal que apareceu na década de 70?

CAYMMI — Eu tenho um carinho especial por uma dupla de compositores que apareceu, não me recordo bem, devia ser 71, 72, quando a gente estava sufocado de censura. A repressão estava à toda e essa dupla conseguiu driblar tudo isso e impor com um trabalho que reputo como um dos mais bonitos dessa década. Estou me referindo a João Bosco e Aldir Blanc. Eles vieram, por exemplo, com Dois pra Lá, Dois pra Cá, que é de uma beleza incrível para essa década, acalma a violência de qualquer cidadão ao escutar essa canção. E Aldir tem um palavreado, um jeito carioca de dizer as coisas que integra a gente com o amor que a gente toma pelo Rio de Janeiro de agora, ele é um real talento. Plataforma é a confirmação de que eles estão conscientes do que eles estão fazendo, isso é que basta.

Folhetim — Qual é a tua relação com o povo?

CAYMMI — Muito à vontade. É por isso que falo à vontade do povo. O que eu cantei e que o povo consagrou, ele consagrou não só em função minha, mas em função dele, do seu agrado, do seu gosto. De forma que se eu cantar em público, como aconteceu há poucas semanas atrás, e o auditório cantar comigo, é que ele sabe que eu existo, ele gostou, ele é participante. Então é a única coisa que eu vejo de frente. Eu tenho por princípio não enganar ninguém, sobretudo enganar uma massa, eu não engano, eu não seria político nunca.

Folhetim — Você não gosta de política?

CAYMMI — Não, não acredito muito. Não sou homem de instituições, sou um sujeito meio... como eu posso dizer? sou um solitário da arte. Mas gosto de viver assim, inventar uma canção e ver se o povo gosta, conferir, entendeu? (confirma o povo conferindo Caymmi)

Folhetim — Como nasceu sua paixão por Mãe Menininha do Gantois?

CAYMMI — Você confere assuntos que você pode fazer uma canção, ingredientes pra uma canção, pode ser o mar. Então,

naturalmente, eu sem abusar usei o mar, porque afinal de contas eu estou sendo honesto comigo por princípio. Se existe Mãe Menininha aí na minha canção, existe mais como uma pessoa humana do que como lalorixá do Candombiê do Gantois. Eu sendo uma pessoa dedicada ao estudo, à observação e ao amor que tenho às religiões negras, eu tenho uma admiração especial por dona Maria Escolástica da Conceição Nazaré, conhecida como Mãe Menininha do Gantois, mulher respeitável, adorável. Uma conversa que me agrada muito, uma pessoa que se afina, no feitio, no modo e tal que aconteceu comigo e ela, é afinidade. Então não há razão melhor do que isso, uma motivação dessa pra uma canção. Nota-se que a canção não foi feita propositadamente nem pra agradá-la, note o detalhe: nasci por nascer. Porque ela de tal modo me pareceu bonita em determinado momento que me senti apto a fazer uma canção sobre uma pessoa humana.

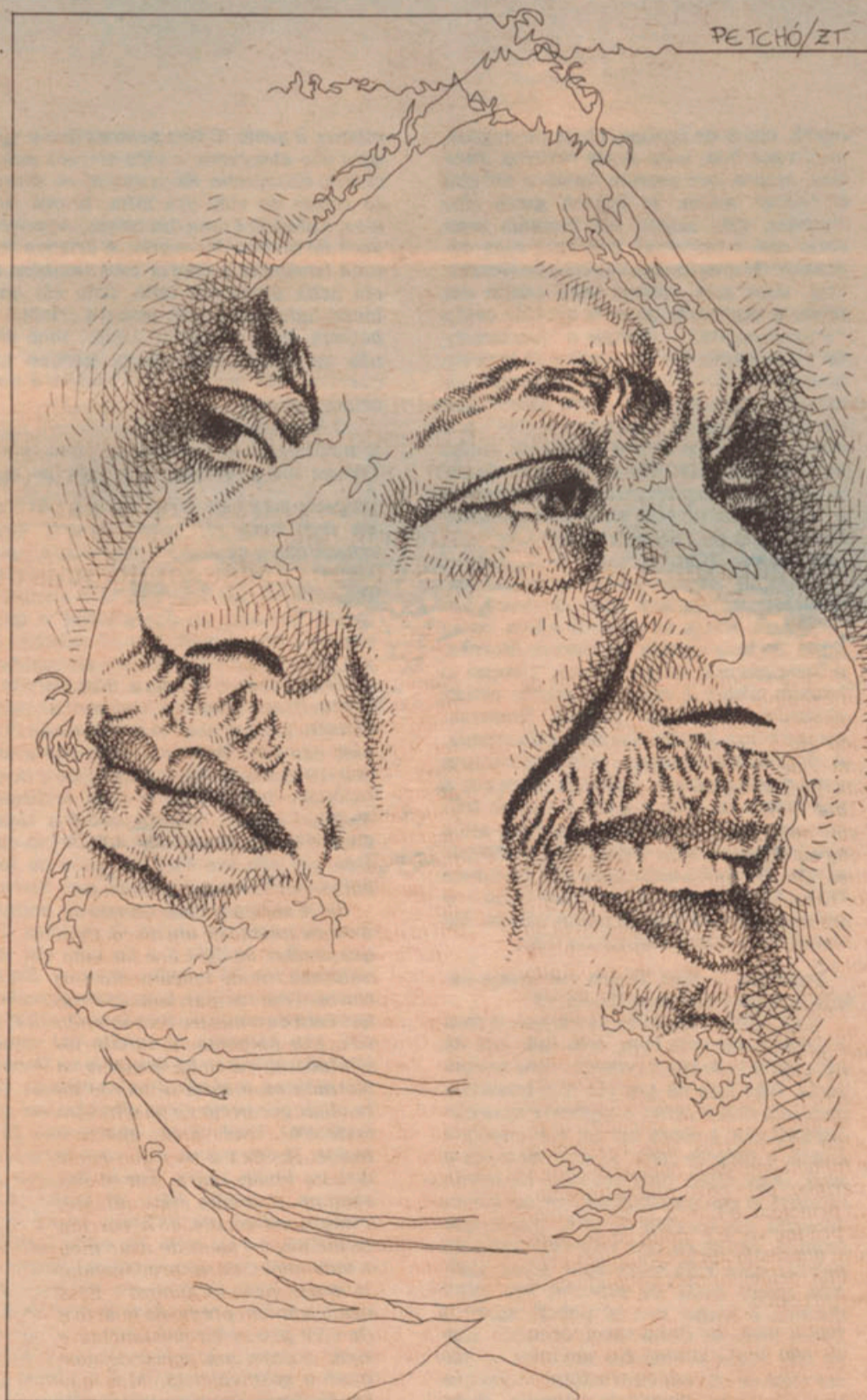
Como fiz também uma canção sobre Marina que se pintou, ou Dora que deu um passo na rua de Pernambuco e dançou um frevo, a rosa morena com jeito bem carioca e tal dançasse num bloco de rua. João Valentão, um amigo decalcado visivelmente, pra quem conhece o tipo que conheci, em cima de amigo nosso pescador, um homem rústico e tal, amigo meu lá da praia de Itapoã do tempo de veraneio. Existe o tema, do tema você desenvolve, eu não faço nada mais do que isso. Quando o tema se apresenta, a ponto de ser uma canção, inesperadamente a canção aparece, sai. E eu só faço nessa condição, por isso eu sou conhecido como

preguiçoso. Eu não faço canção a não ser espontaneamente, eu não tenho fábrica de canções. Não sei fazer sobre encomenda, apesar de ter feito, não tenho jeito. Mas as que foram espontâneas o povo gostou.

Folhetim — Então o que prevalece na criação para você é a espontaneidade?

CAYMMI — Só é, só é. Não há coisa mais natural do que ser natural. Não há coisa mais clara, mais translúcida (aponta para a roseira ao lado) do que você ver que aquele botão automaticamente vai virar uma flor, que seja hoje à noite ou que seja amanhã pela madrugada ou amanhã cedo, em que lhe faça a surpresa daquele botão ser uma rosa. (Sem tirar os olhos do botão, Caymmi fala como se ele fosse o único ouvinte): Nada mais natural... Então aí estou eu, vejo a vida assim. Porque não sei como nasci nem sei como vou morrer, não sei contar histórias nem enfeitar essas coisas com dados históricos. Mas digo que gosto das coisas simples e gosto das coisas do mar, porque elas me dão um certo prazer e certo descanso. E desde que eu me entendo como gente que o mar exerceu em mim uma certa coisa de distração sem grandes compromissos, sem grandes imposições. Não precisa deixar de ser apenas mar, um mar recapelado, é o mar como ele é, com as caras que tem e tô eu satisfeito.

A todos João Intimida  
faz coisas que até Deus duvida  
mas tem seu momento na vida...



“Eu tenho por princípio não enganar ninguém, eu não seria político nunca”

Folhetim — Quem era o João Valentão que um dia você fez dele canção?

CAYMMI — Era o Carapeba, um homem que nunca soube o nome e que era pescador e que tinha um barco, um barco grande de pesca, em Itapoã. Eu estava com 18, 19 anos e ele dava carona no barco dele a quem gostava. Eu, como gostava, me aventurava de vez em quando numa pescaria dessas, ia atrapalhar a pesca de profissional. Mas ele era uma personalidade, era um tipo muito curioso, muito forte, muito terra, terra, um cara muito legal. De forma que, muito fora da época que eu já não o via, muito distante de não ver o Carapeba, me ocorreu uma idéia: fazer saltar em cena um homem, vigoroso e tal, mas rendido diante da beleza do mar, rendido diante da natureza, rendido diante da beleza que o cercava. Realmente o bom pescador não fala de si...

Dentro da fantasia que é necessário dar às canções, à obra de arte em geral, quando se pinta, quando se esculpe, quando se compõe, quando se escreve poesia, quando se escreve prosa, o sujeito divaga com a fantasia e a realidade par a par... Eu me apoio muito na realidade para construir a poética do meu assunto. Eu pego o assunto que é a verdade, o vivo do assunto, o personagem, a situação, o palpável, então daí parte o lado poético. Que vêm palavras, quanto mais singelas me parecem, as mais bonitas e as mais ao alcance do povo, sem a preocupação de entregá-las tão mastigadas que ele ache fácil demais, não. Sem sofisticação, sem cortejar o povo dando o que ele exige de mais fácil, não. Encantá-lo também.

Dora, rainha do frevo e maracatu  
ninguém dança e requebra como tu...

Folhetim — Onde você viu uma Dora requebrando?

CAYMMI — Dora é uma mulata que passou na rua, em Pernambuco. Seria Dora, nunca imaginei como se chamava aquela mulata, mas há de notar que Dora é um nome muito bonito. Eu viajava de navio, vindo de Fortaleza, eu com minha mulher em plena guerra. Eu fiquei em Recife e ela seguiu viagem. E eu fiquei muito só aquela noite, mas de repente apareceu um bloco de rua. Já era muito tarde pra época, devia ser meia-noite, isso foi em 42. Aí passou o bloco tocando frevo, uma banda bem no estilo da terra, e o pessoal da rua participa logo dançando o passo, o frevo e tal. Então eu fiz daquela mulher um tipo e fácil de se entender que, uma cafusa bonita, dançando na rua, pode se chamar Dora, em Pernambuco, numa noite bonita de verão. Assim também Marina, uma estória de jovem, que brota de um momento, talvez de um toque: o Dori, meu filho, dizendo quando pequeno “tô de mal, tô de mal”. Dessa expressão achei que poderia começar uma canção, e de um bate papo com uma criança, que devia ter dois, três anos, nasceu Marina.

Minha Jangada vai partir  
pro mar, vou trabalhar...

Folhetim — E a Suíte dos Pescadores, como nasceu?

CAYMMI — Eu tinha vários motivos de várias canções, serjam canções soltas, canções do mar. Mas de repente me deu uma idéia de entrar num terreno de estética diferente, que foi a preocupação de fazer em conversa com amigos do grupo de artistas plásticos, de escritores e tal... Do grupinho me veio a idéia de uma coisa muito bonita. Sempre achei e continuo achando uma forma muito bonita de representação que é o balé. Eu sempre vejo na dança a melhor expressão de arte, a dança como a melhor coisa de ação natural das coisas. O movimento da pessoa humana sempre como a arte maior, a arte básica o gesto. Porque a árvore faz, parada em seu tronco, mil movimentos com suas folhas, com seus galhos. A pessoa humana faz sensivelmente mil gestos, mil coisinhas, mil tics. Essas coisas todas

reunidas a mim fazem pensar sempre em dança, então o espetáculo dança pra mim é o que satisfaz. Peça falada é natural, o teatro é uma tradição, umadas formas de expressão do homem, né? a música também. Mas a dança pode ser sem som, muda, é linda, é um visual, fantástico.

Então eu pensei fazer, das canções de um dia de um pescador... partindo de uma saída dos homens para o mar em ritmo de marcha. Grave quadro que se seguiria, que seriam esposas a verem seus homens saindo com seus barcos para o mar. Em seguida um terceiro quadro, que seria o reverso daquela situação, um temporal... apelos e chamados e gritos, enfim a angústia do pai, da mãe, do filho. Aquele espetáculo do mar imutável, sempre ele é mar, nas várias mutações, com as várias caras que ele tem, mas sempre aquela identidade, aquela coisa segura de si, o mar. O homem trabalhando na superfície como um participante. Então eu fiz o homem um participante da vida do mar, num dia: ele foi pro mar, as mulheres foram pra dar um adeus; depois o tempo muda, vira, vem um temporal, há os mortos, há os sobreviventes, há uma noiva que desesperada na praia se lamenta dolorosamente da possível perda do seu amado; em seguida um canto fúnebre pelos que morreram no mar, etc, etc. Depois volta aquele dia-a-dia e se repete tudo outra vez, volta à primeira canção. E fica ali a história do pescador, resumida nesse moto contínuo, e acontece em toda parte do mundo onde tem mar, onde o mar bate.

Folhetim — O que você acha da sua família musical?

CAYMMI — Bom, eu não posso achar, pois eu sou pai e sou músico. Mas também tenho que dividir esse mérito com a minha mulher, que a minha mulher é músico também. Ela deixou de cantar, mas nos três anos que cantou tinha mais repercussão popular que eu, que tinha começado com grande abertura e aparecia assim de estouro em poucos meses. Mas ela era querida e estimada pelos ouvintes do rádio. E tinha crianças que tinham esse nome, Stela Maris (nome artístico de Adelaide Caymmi). No entanto era uma garota tímida, de 16 para 17 anos.

Folhetim — Foi pelo rádio que vocês se conheceram?

CAYMMI — Eu a conheci num programa de calouros na Rádio Nacional. Era um domingo, ela estava lá, era uma finalíssima e ela ganhou disparado. Nesses domingos de otário, de pé grande, chato, eu fui parar no auditório da Rádio Nacional, que tinha um vidro na frente. O nome do programa era "Rádio em busca de talentos" — era um inseticida. Ai eu tinha a impressão que ela iria cantar uma coisa lrica, dado aquele jeito de alemã. Mas de repente ela cantou um samba de Noel Rosa, cantou o Último Desejo, melhor que todo mundo, cantou mesmo, cantou uma beleza. Ai eu fiquei doido, fui lá espiar a cara dela. Moça tímida e tal, depois eu fui apresentado a ela pessoalmente, um amigo me apresentou como uma cantora nova. Casamos logo e ela deixou tudo isso, não fez questão de cantar mais, nem nada, e canta bem à beça. Ela agora está cansada, não canta, mas quando canta se faz silêncio. Ninguém canta lá em casa como ela.

Folhetim — Nem sua filha Nana?

CAYMMI — Não canta bem como ela. Nana canta bem, mas a Stela canta melhor. Tem muita gente que pensa que canta, mas que nunca cantaria como ela (risos). Eu conheço.

Folhetim — Mas a gente estava falando da família musical e você só falou da mulher até agora.

CAYMMI — Todos eles são ótimos. O Dori é muito inteligente, o Danilo é um rapaz inteligentíssimo, toca sua flauta, compõe. Um sujeito que faz Andaça é um sujeito formidável, enfim o Danilo tem uma vela de compositor muito boa. O mesmo eu digo do Dori, embora em outro gênero é um bom compositor, pela música O Cantador dá pra notar isso. E Nana canta, mas eu torço mais pra Stela.

Folhetim — E por que você não leva a Stela pra cantar junto com você?

CAYMMI — Porque a Stela é malcriada, não gosta de cantar. Ela não quis cantar mais, é o caso mais bonito que eu já vi. Não é repulsa, ela se identificou com o rádio, depois achou que devia sair, saiu. Podia chegar a ser uma estrela do rádio.

Folhetim — Como você vê o misticismo do povo baiano?

CAYMMI — Como disse alguém que não lembro o nome, a Bahia é uma Roma



"Eu ia necessitar de 400 anos de vida pra entender tudo que está acontecendo nos 64 anos".

negra, cheia de igrejas, cheia de negros, uma raça boa, uma gente festeira, mística, alegre, que prefere festas a ter que trabalhar muito. O baiano gosta dos feriados, dias santos, ele mantém uma coisa que é essencial, pra usar uma expressão do meu amigo Vinicius de Moraes vou usar sem abusar: está muito em moda a expressão do meu querido poeta "é fundamental"... Porque o "fundamental" não estava tão em moda e tê-lo posto naquele poema célebre, hoje qualquer um diz ai "fundamental". Tem gente que carrega malas de "evidentes" pra dizer um negócio, outros carregam malas de "entende". Eu ando por aqui já, são expressões que me desgastam a paciência e o "fundamental" está na alça de mira dos conversadores... Eu tô falando muito?

Folhetim — Não.

CAYMMI (rindo) — Até agora eu não escolhambel ninguém, não é do meu feitio fazer isso. Então na verdade é isso, como disse tão bem o poeta Vinicius de Moraes, o fundamental é ser alegre, porque o homem alegre é capaz de mover coisas absurdas, remover pedras imensas, mexer com o destino das coisas do mundo. A alegria faz coisas que a tristeza não tem capacidade de fazer. A alegria corre pra par com a fé, lado a lado. A pessoa tem que ser alegre desde que amanhece até o anoitecer, pois só se dorme bem se dormir alegre. Eu tenho impressão que eu durmo rindo, mas não me contam nada disso — o pessoal aqui em casa é muito calado. Eu vou dormir achando graça na vida.

Folhetim — Mas dá pra ver graça na vida com esse cotidiano tão difícil?

CAYMMI — Eu estou vendo que ai fora o negócio não está bom, mas tudo isto dá uma volta, tudo isto é redondo, tudo se conserta. Não fuja de que nós não trabalhamos com linhas retas, o negócio é uma circunferência: a cobra faz um movimento e engole o próprio rabo, ai está formado o anel. Quer dizer, tudo acontece de forma circular: o que parece mau hoje será bom amanhã, isto é o ciclo da vida, o ciclo que explica. Então eu não vejo com grandes belezas uma vida sobre ouro, sobre azul. Não quero nada de especial pra mim durante o tempo que eu passar sobre a Terra. Nem sei como nasci, de modo que eu não tenho pretensões maiores, a não ser essa de ser um cara alegre. Acho que sou um cara premiado, porque tenho direito a uma porção de coisas que a vida

oferece à gente. E tem pessoas que a vida dá e não absorvem, a vida oferece mas o sujeito não recebe. Eu acumulo, eu guardo as coisas da vida pra mim, brinco com elas, a alegria é uma das coisas. Ao nascer você foi motivo de alegria. A criança tem uma tendência a chorar mas também ri, ela acha graça em tudo, tudo ela quer tocar, tudo quer pegar, essa é a criança. O homem deve continuar assim, mas eles não se comportam assim, porque não querem. Mas por dentro o homem é uma criança grande.

O homem erra quando começa a fazer a instituição. E a instituição tem que se basear em princípios humanos os mais

singelos possíveis, se eu estou rindo então eu faço uma instituição alegre. Essas coisas que o destino dá dinheiro a uns e pobreza a outros são coisas secundárias. Pra mim o que interessa é o comportamento humano, eu quero saber o que a pessoa é em si, porque você sabendo ser pra você, você sabe ser pra comunidade. A comunidade é sujeita a uma porção de instituições, serão elas boas ou más eu não discuto, porque não sei julgar e não estou aqui pra isto. Então eu volto pra mim e pra enormidade, que é muito maior do que qualquer instituição, é uma instituição divina, sagrada, imensa, que é a vida, o mundo que a gente está pisando em cima dele, atraído pra ele. Eu gosto do mar, porque ele é três partes mais que terra.

Hoje estamos num mundo de notícias, mas eu posso me abster de notícias. Porque melhor notícia é a da vida em si, a natureza me dá recados imensos. Eu não sou nenhum mágico, mas posso perceber o que está havendo no mundo só de olhar pro céu, pra natureza. O sujeito vai estudar em laboratório se há desgaste na floresta, nas plantas, mas não precisa estudar, basta olhar por perto (seus olhos param num coqueiro). Você vê que aquele coco já foi maior, já deu maior, é só você ter a idade que eu tenho agora. Então homens que chegam à minha faixa de idade já começam voltar pra infância, isso é que é científico, é o tal ciclo. Eu estou fechando o meu anel com aquela tranquilidade que vi muita coisa de maneira sintética, porque senão eu ia necessitar de 400, 500 anos de vida pra poder entender isso tudo que está acontecendo nesses 60 anos. Eu entendi o suficiente, gostei e continuo gostando. Tenho uma impressão ótima do que seja a vida, a chamada vida, esta co-

municação natural do dia-a-dia, essa sistemática do sol nascer e se pôr diariamente, sem mudar. Essa é uma norma bonita, um sistema — o sistema solar é bonito.

Folhetim — E o problema dos direitos autorais?

CAYMMI — Eu entrei para a primeira sociedade que se organizou para cobrar o direito autoral de música, era a Associação Brasileira de Compositores e Autores, foi fundada em 1939, tinha menos de um ano que eu estava no Rio. Agora, se eu fui lesado, se eu for encontrar culpados nisso, eu vou bater nos processos de vida do homem, na condição humana, na condição de progresso, enfim de como o homem se estabilizou, desenvolveu, como o homem fez, como andou a coisa, a máquina. Eu tornei-me um compositor alegre antes de ter a preocupação de me tornar rico como compositor, que continua sendo uma esperança vã no Brasil, você sabe disso. Eu cortei essa na raiz, fiz meus cálculos, tomando por base o comportamento das pessoas, a maneira de sentir a música, o senso da propriedade que o povo tem em relação às canções prediletas — essas coisas nunca foram estudadas, precisa ser visto. Você vê que até cair esse tabu de dizer "eu vi uma música da Alcione que é linda"... Mas não é da Alcione, é de um cavalheiro ou de uma dupla. Os compositores em geral são desconhecidos, eu pertencço a este grupo. Se eu não tenho a ventura de ser cantor das minhas canções, eu talvez fosse um anônimozinho hoje devagar. Porque em geral o sujeito leva em fé o intérprete, quem aparece, quem diz — são os pecados da massa. Você tem uma maneira de como educar o povo a guardar autores na cabeça? (risos). Se ele quer por princípio cantar a canção que ele gosta, em segundo ele quer saber quem cantou e em terceiro ele não quer saber de nada, estamos conversados. Não vai nisso nenhum comodismo, apenas preguiça, sim porque eu não vou trabalhar em ferro frio. Eu vou ficar com essa de que eu vou salvar a lavoura, quando eu não tenho condição? Não sou eu que vai chegar aqui e endireitar o direito autoral, não sou pioneiro de nada, fora de mim essas pretensões.

Folhetim — Como você vê a situação do povo oprimido, sem participação na vida política nacional?

CAYMMI — As condições das classes dos homens divididos em classes, isso é